

Litoral do Norte Fluminense terá parque nacional

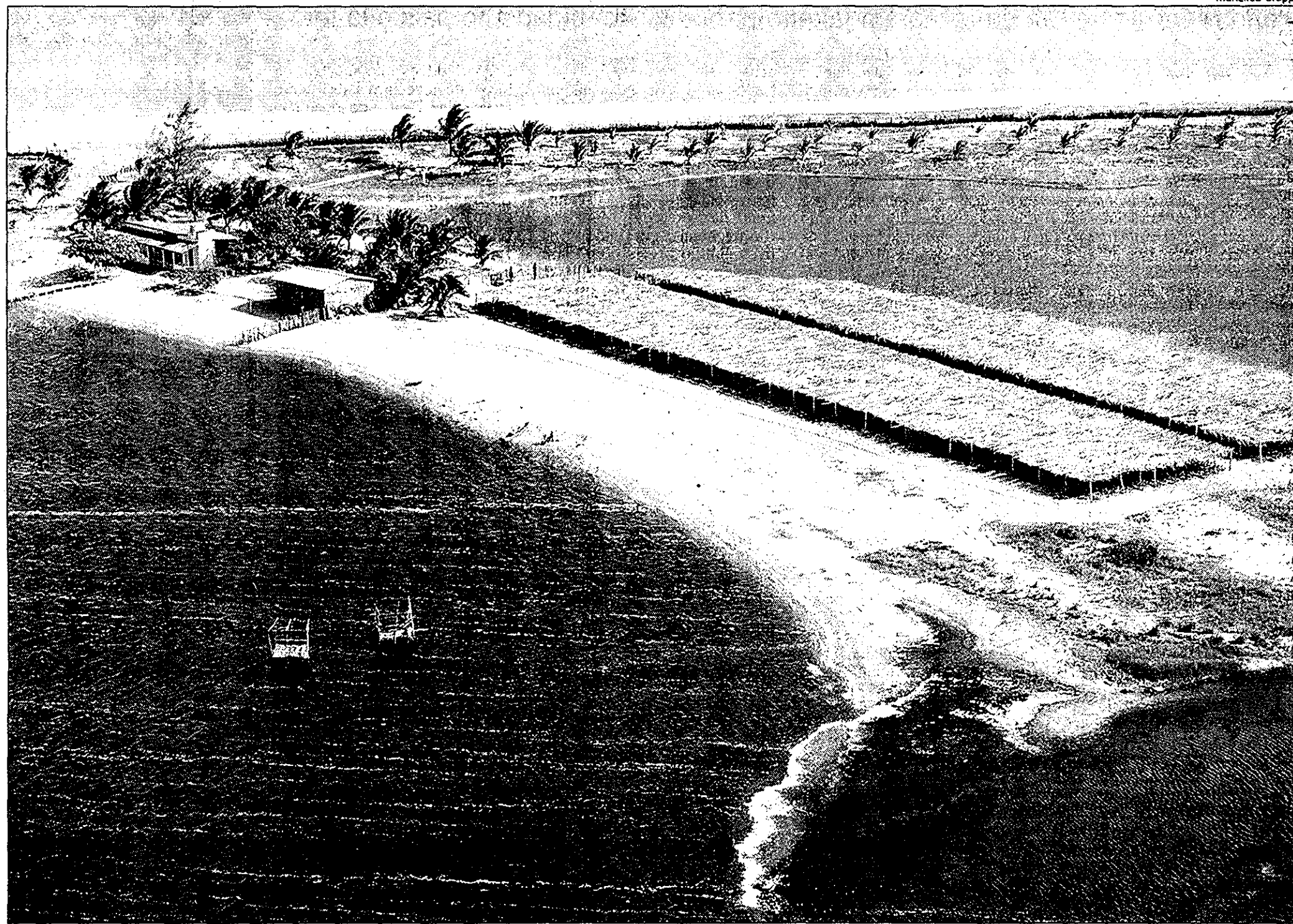
Flora e fauna vão ser preservadas em Jurubatiba, uma área de 14 mil hectares de restinga que vai de Macaé a Quissamã

Paulo Roberto Araújo

• Cientistas e ambientalistas já estão preparando batida de pitanga, biscoito de farinha da raiz de taboa, doce de guriri e sorvete do fruto do cacto para a comemoração. A data da festa será marcada quando o presidente Fernando Henrique Cardoso assinar o decreto que cria o Parque Nacional de Jurubatiba, uma faixa de restinga de 14 mil hectares ao longo de 41 quilômetros da orla marítima que vai de Macaé a Quissamã, passando por Carapebus, no Norte Fluminense. A área a ser preservada é um dos trechos do litoral brasileiro de maior diversidade de recursos naturais e ocupada por espécies vegetais e animais que somente sobrevivem nesses ambientes. O estudo técnico-científico para a criação do parque já passou pelo Ibama e o decreto, tornando intocável toda a restinga, deverá ser assinado até o fim do mês.

Embora pouco conhecida pelos fluminenses, a Restinga de Jurubatiba (que na linguagem indígena significa terra com muitas palmeiras) vem sendo estudada há mais de 20 anos por cientistas brasileiros e estrangeiros. Reconhecida em 1992 pela Unesco como reserva da biosfera, a região é esmiuçada por 196 cientistas em pesquisas que consomem mais de R\$ 2 milhões por ano. Embora quase totalmente preservada, a restinga sofre a ameaça dos plantadores de coco e da especulação imobiliária. Além da beleza natural, os visitantes do futuro parque poderão conhecer o canal Campos-Macaé, que tem 80 quilômetros e foi construído por escravos de 1823 a 1841, para escoar a produção canavieira de Campos pelo Porto de Macaé. O trajeto pela orla em linha reta só pode ser coberto de bugre porque há trechos de areia junto às lagoas.

— A beleza natural dessa restinga não tem similar no mundo, daí o interesse da comunidade científica internacional pela região, que só sobreviveu à degradação porque o mar é extremamente violento, o que desestimula a especulação imobiliária — disse o professor Francisco Este-



RESTINGA DE JURUBATIBA: 41 quilômetros de orla marítima que será transformada em parque nacional para a preservação de um dos trechos de litoral de maior diversidade de recursos naturais

ves, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ecologia da UFRJ, responsável pelo Núcleo de Pesquisas Ecológicas que a universidade mantém em Macaé, com apoio da Petrobras e da Prefeitura local.

A vegetação da restinga tem espécies frutíferas (pitanga, araçá, cactos, guriri, cambu), ornamen-

tais (bromélias, trepadeiras, orquídeas) e uma infinidade de plantas medicinais. A fauna é diversificada. Podem ser encontrados na restinga, que tem 18 lagoas, tatus, tamanduás, lontras, jacarés, jaguatricas, capivaras, papagaios e outros animais. A fauna e a flora da área são estudadas por cientistas e alunos de

seis universidades brasileiras, pelo Jardim Botânico do Rio e pelas universidades de Lund (Suécia), Flórida e Minnesota.

A beleza do futuro parque encantou a coordenadora de criação do Departamento de Unidades de Conservação do Ibama, Analzita Müller, que sobrevoou a área no fim de semana passado

com o superintendente regional do instituto, Antônio Velasco. Segundo ela, a criação do parque tem uma característica diferente da de outras unidades de conservação:

— A riqueza dessa área é fantástica. A criação do parque é uma demanda da sociedade, dos pesquisadores e ambientalistas.

Será a primeira restinga do Brasil transformada em unidade de conservação. Não é à-toa que o Brasil é o país com maior biodiversidade do mundo — disse Analzita Müller, acrescentando que o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente receberam cartas de ambientalistas de todo o mundo pedindo a criação do parque. ■

Sigilo evita novas queimadas nas fazendas

Donos de terras são acusados de incendiar as matas para plantar mais coqueiros

• Os estudos técnicos para a criação do Parque Nacional de Jurubatiba estavam sendo mantidos em sigilo por causa da pressão contrária dos fazendeiros, que estão queimando a vegetação da restinga para plantar coqueiros. Analzita Müller, coordenadora do Departamento de Unidades de Conservação do Ibama, ainda não tem o levantamento de quanto custará fazer as desapropriações que serão necessárias para criar o parque, mas acredita que o preço não será alto porque a maior parte da área pertence à União. Depois da criação do parque, o Ibama tem cinco anos para fazer o levantamento fundiário da região e as desapropriações. O Ibama, segundo Analzita Müller, vai procurar os proprietários para negociar e não aceitará pressões para retirar as fazendas da área sob proteção:

— O interesse público se sobrepõe ao particular. Alguns povoados ficarão fora da área do parque para não prejudicar os moradores que estão ali há muito tempo. Se a comunidade e as prefeituras souberem trabalhar o parque, a economia não será prejudicada. Aqui há coisas que vão atrair muitos turistas e gerar renda — previu ela.

Na visita à restinga, o superintendente do Ibama pôde constatar, por terra e por ar, as agressões que começam a ameaçar a futura área do parque. Velasco teve que usar a sua autoridade para entrar na Fazenda São Lázaro, da Agropecuária Carapebus. O proprietário fechou com uma porteira e cercou com arame farpado o acesso ao mar e à Lagoa Comprida. Além disso, ateu fogo em mais uma área de cinco hectares de vegetação de restinga para ampliar sua plantação de coco.

— Com o fim do monopólio na



O PESQUISADOR FRANCISCO Esteves (à direita), da UFRJ, coleta material para análise numa lagoa de Jurubatiba

exploração do petróleo, a Petrobras está ampliando suas instalações e outras empresas petrolíferas estão se instalando em Macaé. Com isso, a pressão urbana sobre a restinga será inevitável se ela não for protegida como unidade de conservação — disse o secretário de Meio Ambiente de Macaé, Hermeto Didonet.

O assessor de Meio Ambiente de Carapebus, Eduardo Cavouer, acha que a cultura do coco na região não dá certo:

— Está provado cientificamente que o preço do coco produzido aqui será tão alto que os fazendeiros não vão conseguir competir com os produtores do Nordeste. Quando acabar o negócio, as áreas vão virar um deserto.

Professor de ecologia vegetal da UFRJ, Fábio Scarano costuma passar até 24 horas na região estudando plantas da restinga, que, segundo ele, tem a vegetação costeira mais rica do mundo:

— O potencial ornamental das

plantas é impressionante. São as espécies mais resistentes da Mata Atlântica. A clusia está nas salas das mansões mais elegantes do Rio e São Paulo.

O subsecretário estadual de Meio Ambiente, Carlos Henrique Abreu Mendes, sugeriu ao Ibama que procure fazer parceria com os proprietários de terras:

— Seria um avanço fantástico se o Ibama incorporasse as reservas particulares ao decreto de proteção da restinga. ■